



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

ELIENE PEREIRA DOS SANTOS

**A PERCEPÇÃO DOCENTE ACERCA DA FORMAÇÃO DE
PROFESSORES PARA O TRABALHO COM A VARIAÇÃO
LINGUÍSTICA NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA**

AFRÂNIO-PE

2024

ELIENE PEREIRA DOS SANTOS

**A PERCEPÇÃO DOCENTE ACERCA DA FORMAÇÃO DE
PROFESSORES PARA O TRABALHO COM A VARIAÇÃO
LINGUÍSTICA NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao
Curso de Graduação em Letras a Distância
da
UFRPE – Universidade Federal Rural de
Pernambuco, em cumprimento às exigências
para obtenção do título de Graduação.

Orientador (a): Prof.^a. Dr^a Suzana Ferreira
Paulino

AFRÂNIO-PE

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Suely Manzi – CRB-4 809

S237c Santos, Eliene Pereira dos.
A concepção docente acerca da formação de professores para o trabalho com a variação linguística no ensino da língua portuguesa / Eliene Pereira dos Santos. - Recife, 2024.
28 f.

Orientador(a): suzana ferreira paulino.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia - UAEADTEC, Licenciatura em Letras, Recife, BR-PE, 2024.

Inclui referências.

1. Língua portuguesa - Variação . 2. Preconceitos . 3. Língua portuguesa - Estudo e ensino. 4. Professores - Formação 5. Língua portuguesa - Aspectos sociais. I. paulino, suzana ferreira, orient. II. Título

CDD 410

Eliene Pereira dos Santos

**A PERCEPÇÃO DOCENTE ACERCA DA FORMAÇÃO DE
PROFESSORES PARA O TRABALHO COM A VARIAÇÃO
LINGUÍSTICA NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Monografia apresentada junto à Unidade
de Educação a Distância e Tecnologia da UFRPE
como requisito parcial para a conclusão do curso
de letras/português

Aprovada em: 30/07/2024

Banca Examinadora:

Suzana Ferreira Paulino Domingos
Orientador(a)

Carla Richert
Examinador(a)

Júlia Maria Raposo Gonçalves de Melo Larré
Examinador(a)

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado em especial à minha mãe, irmãs, irmãos e cunhado, cuja paciência e precisão foram fundamentais para o desenvolvimento e conclusão do curso de Letras. Sem vocês teria sido difícil chegar até aqui. Obrigada por contribuírem significativamente para a conclusão deste trabalho. Agradeço pela constante disponibilidade e eficiência em sempre me apoiarem.

Dedico a todos vocês que de alguma forma acreditaram e torceram por mim.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha sincera gratidão primeiramente a Deus, por ter me dado a oportunidade de estar vivenciando esse momento memorável em vida, me fazendo acreditar que tenho capacidade para ir além, a todos que contribuíram para a realização deste trabalho e para a conclusão bem-sucedida do curso de Letras.

Agradeço profundamente aos meus professores, orientadora, Suzana Ferreira Paulino Domingos, e aos colegas da UFRPE, que compartilharam seus conhecimentos e apoio ao longo desta jornada acadêmica. Também dedico um agradecimento especial à minha família e aos meus amigos, cujo amor, compreensão e encorajamento foram fundamentais para alcançar este marco em minha vida. Este trabalho é dedicado a todos que acreditaram em mim e me inspiraram ao longo desta jornada.

Muito obrigada!

RESUMO

As concepções de língua/linguagem de alguns professores, sem considerar fatores sócio históricos, no ensino da Língua Portuguesa ainda promovem práticas homogêneas e preconceituosas de, sem levar em conta as diversidades que contribuem para com o contexto linguístico. O presente estudo teve como objetivo geral analisar a percepção docente acerca do trabalho com as variações linguísticas no processo de formação de professores nos cursos de Letras/Língua Portuguesa. Como objetivos específicos decidimos refletir sobre a importância de uma formação crítica acerca do conhecimento e valorização das variações linguísticas em sala de aula; investigar as práticas pedagógicas docentes para o trabalho com variações linguísticas; discutir sobre o preconceito linguístico e seus impactos em sala de aula. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e exploratória, de abordagem majoritariamente qualitativa, baseada nos pressupostos teórico-metodológicos de Bagno (1999), Freire (2006), Libâneo (2014), entre outros. Os dados foram gerados a partir de um questionário no *Google forms* no período de março a abril de 2024. Em seguida, foram classificados, analisados e os resultados foram sistematizados em um quadro. Os resultados indicam que, mesmo com o aprofundamento de teorias sobre a variedade da língua nas graduações, faz-se necessário que as formações inicial e continuada docentes no trato com as variedades linguísticas, tão estigmatizadas na sociedade, façam parte de um desenvolvimento sistemático, crítico, reflexivo e contínuo.

Palavras-chave: Variação linguística, Preconceito Linguístico, Língua Portuguesa, Percepção docente.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. DESENVOLVIMENTO TEÓRICO	11
1. LINGUAGEM E VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS	11
1.2 FORMAÇÃO DE PROFESSORES	15
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	16
3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	17
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIA	28

1 INTRODUÇÃO

A concepções que alguns professores têm acerca da linguagem e do ensino da Língua Portuguesa ainda são limitadas e, muitas vezes, preconceituosas. Nessa perspectiva, o ensino de português é realizado de maneira homogênea, sem levar em conta os fatores que contribuem com o contexto linguístico de uma faixa etária, de um grupo socioeconômico, de uma região ou de um povo, promovendo, muitas vezes, preconceito linguístico.

Ao definir as contribuições da Sociolinguística para o ensino de Língua Portuguesa, Torres e Silva (2020) fazem uma abordagem sobre o ensino e os vários processos de mudança ao longo do tempo. Segundo os autores, a influência da cultura e de outros idiomas favoreceram uma transmissão linguística com lacunas gramaticais e deram origem às variações do português brasileiro que hoje é bem diferenciado do português de Portugal. Fatores sociais e econômicos, entre outros, também promoveram diferenças linguísticas nas populações.

Na sociolinguística, de acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006) a língua varia, mas o sistema continua organizado, dando ênfase às regras categóricas se aplicam sempre da mesma maneira, enquanto que as variáveis apresentam formas diversificadas para a comunicação. Para os sociolinguistas, a natureza da linguagem é social e heterogênea, sendo a língua sensível às pressões de uso e passível de variação e de mudança. Segundo Bagno (2012), o social é ligado à cultura, à história e à espacialização, sincrônica e diacronicamente, possibilitando variedades dialetais na Língua Portuguesa, no Brasil essa visão pode ser contemplada nos documentos oficiais da educação brasileira nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (Brasil, 1998). A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) também ressignifica essa perspectiva no ensino de língua portuguesa no Brasil.

Nesse sentido, a língua deve ser estudada a partir de dados reais de fala nas diversas interações comunicativas dos falantes. Os PCN (1998) reconhecem a diversidade linguística do português e o preconceito linguístico associado às diferentes variedades e defende:

[...] por meio da linguagem, quadros de referência culturais representações, teorias populares, mitos, conhecimento científico, arte, concepções e orientações ideológicas, inclusive preconceitos pelos quais se interpretam a realidade e as expressões linguísticas. Por outro lado, como atividade sobre símbolos e representações, a linguagem torna possível o pensamento abstrato, a construção de sistemas descritivos e explicativos e a capacidade de alterá-los, reorganizá-los, substituir uns por outros. Nesse sentido, a linguagem contém em si a fonte dialética da tradição e da mudança (Brasil, 1998, p. 20).

A BNCC (2018) estabelece a análise da variação linguística em seus diferentes níveis como forma de ampliar a compreensão da língua, a construção das variedades linguísticas de modo a fomentar o respeito e combater os preconceitos. Afirmando que “[...] é relevante no espaço escolar conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico” (Brasil, 2018, p. 70). Assim, o papel da Linguística é descrever a língua em suas múltiplas manifestações e explicar os fenômenos linguísticos de forma que os educadores possam empreender uma prática pedagógica que permita a ampliação do domínio das variantes linguísticas.

O interesse pela temática da pesquisa, intitulada “A percepção docente acerca da formação de professores de Língua Portuguesa para o trabalho com a variação linguística”, surgiu a partir da experiência pessoal traumatizante da pesquisadora com o preconceito linguístico vivenciado em ambientes escolares, ao longo da sua vida de estudante. Buscou-se refletir sobre o ensino na concepção das variações linguísticas, uma vez que são necessárias algumas mudanças nas formas de ensino e avaliações do aprendizado do estudante. Para tanto, definiu-se como problema da pesquisa: Qual é a percepção docente acerca da formação de professores de Língua Portuguesa para o trabalho com a variação linguística?

A fim de responder a essa problemática, a pesquisa definiu como objetivo geral analisar a percepção docente acerca do trabalho com as variações linguísticas no processo de formação de professores nos cursos de Letras/Língua Portuguesa. E, nessa perspectiva, estabeleceu como objetivos específicos: refletir sobre a importância de uma formação crítica acerca do conhecimento e valorização das variações linguísticas em sala de aula; investigar as práticas pedagógicas docentes para o trabalho com variações linguísticas; discutir sobre o preconceito linguístico e seus impactos em sala de aula.

O presente estudo justifica-se pela relevância não só para os alunos e profissionais da educação, como, também, para toda a população em geral. Uma das contribuições para o ensino de línguas é que a Sociolinguística explica que não existem línguas inferiores, superiores ou insuficientes. Assim, ela ajuda a formar professores com uma visão menos preconceituosa, que mostram aos alunos que a variação padrão pode até ser considerada socialmente mais valorizada, mas, do ponto de vista estrutural e funcional, ela é tão válida quanto qualquer outra. Outra contribuição, sobretudo para professores de outras línguas é fornecer material para que as aulas sejam preparadas com base em uma língua viva, com diversos tipos de registros.

As variações linguísticas podem ser entendidas por meio de sua história no tempo e no espaço. E, assim, além do português da gramática, existem outras variações de usos da língua; no

linguajar dos alunos no contexto escolar e nos meios sociais há uma diversidade de variações linguísticas que geram discriminações e julgamentos. O preconceito, deixa os alunos constrangidos e sem interação na sala de aula, pois quando eles são ridicularizados ou desvalorizados por sua forma de falar, isso pode ferir sua autoestima e fazer com que eles se sintam menosprezados, podendo levar a um afastamento da escola e do colegas, pois essas vítimas de preconceitos linguísticos podem temer os julgamentos dos demais e como consequência disso venham a ter um impacto a aprendizagem, já que poderão ter dificuldades em participar ativamente das aulas, o que pode comprometer seu aprendizado. Eles podem evitar fazer perguntas ou participar de discussões diante da escola e com a sociedade, fazendo com que o ambiente escolar venha a se tornar um local de exclusão social. Pensando assim, esta pesquisa teve como intuito de levar educadores a refletirem sobre as variações, fazendo com que o ambiente educacional seja mais consciente sobre a diversidade linguística.

Para viabilizar a discussão do estudo foi realizada uma pesquisa bibliográfica e exploratória de abordagem qualitativa com coleta de dados por meio do instrumento de pesquisa questionário, via *Google Forms*, enviado aos docentes. Teoricamente, o embasamento foi a partir de Bagno (1999), Freire (2006) e Libâneo (2014).

Estudantes, professores e a sociedade em geral poderão ser beneficiados com esta pesquisa, na medida em que terão a oportunidade de refletir e discutir sobre o tema, trazendo conhecimento, conscientização, respeito e valorização das diferentes formas de manifestação da língua. Os professores poderão abordar o tema de forma crítica e conscientizadora, refletindo sobre os impactos do tema na sua prática pedagógica e como eles podem transformar a sua atuação para promover o respeito às diferenças.

Em face a isto, o estudo está dividido em: Introdução com a explanação do tema, a problemática, a justificativa e os objetivos desta pesquisa; Fundamentação teórica, abordando cientificamente as questões de linguagem e as variações linguísticas, bem como a formação docente e seu papel social; Procedimentos metodológicos, definidos como pesquisa bibliográfica e exploratória de caráter qualitativo; Análise dos dados e discussão dos resultados; e Considerações finais com as conclusões da investigação.

2 LINGUAGEM E VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

A linguagem como um processo interativo de comunicação que garante a troca entre interlocutores de suas ideias, sentimentos, entre outros, pode ocorrer por meio oral, escrito ou digital, entre outros. A língua materna do Brasil sofreu muitas modificações depois da vinda dos

portugueses. Alguns autores afirmam que apenas em Portugal se fala bem o Português, como cita Bagno (1999):

Essas duas opiniões tão habituais, corriqueiras, comuns, e que na realidade são duas faces de uma mesma moeda enferrujada, refletem o complexo de inferioridade, o sentimento de sermos até hoje uma colônia dependente de um país mais antigo e mais “civilizado”. Podemos encontrar essa concepção expressa no livro *Língua viva*, de Sérgio Nogueira Duarte, que é uma coletânea de suas colunas sobre língua portuguesa publicadas no *Jornal do Brasil*. Ali a gente lê, na página 65: Sempre me perguntam onde se fala o melhor português. Só pode ser em Portugal! Já viajei muito pelo Brasil e já estive em todas as regiões. Sinceramente, não sei onde se fala melhor. Cada região tem suas qualidades e seus vícios de linguagem (Bagno, 1999, p.19).

É preciso ressaltar que o fato da busca por indicar ou conhecer onde se fala o melhor Português, traz em si opiniões carregadas de um meio seletivo e discriminatório, um preconceito velado, que por si só já é um resultado de uma comparação indevida de um modelo idealizado, definido como preconceito linguístico. Em participação na 9ª Bienal da Cultura pela UNE (União Nacional dos Estudantes), Bagno (2014) define o preconceito linguístico ao relacionar a língua a um instrumento de opressão e fonte de preconceito pelas elites, que consideram errados e rejeitam as variedades linguísticas e regionalismos das classes sociais mais baixas. Sobre o tema, Bagno (2014) trata da representação da língua no imaginário coletivo, pela língua supostamente falada pelas elites político-econômicas do país, que consideram a norma-padrão um elemento de sua própria identidade, com marcas de diferença em relação à língua dos pobres.

Sendo assim, o preconceito linguístico é um julgamento sobre as particularidades do outro no que se refere ao seu modo de se expressar, que por sua vez é característica do meio onde viveu, carregado de influências regionais, culturais, étnicas ou de gênero, entre outras. Julgamentos como estes, em sua grande maioria, são dirigidos às situações em que as variantes ocorrem de maneira informal e com pessoas que fazem parte de grupos menos favorecidos e com pouca educação formal.

Segundo Labov (2008), os níveis extralinguísticos de variação da língua são: variação regional, geográfica ou diatópica, variação estilística ou diafásica e a variação social ou diastrática. Ilari e Basso (2006) acrescentam a variação diamésica, ou seja, na fala e na escrita.

Ao tratar sobre a variedade linguística no português brasileiro, Bagno (2009) esboça sua análise em relação às construções linguísticas que se fazem presentes por todo o país. Todavia, elas são consideradas erros por parte de indivíduos que permanecem estagnados em um conceito não compreendido de que a língua é um fenômeno fechado e exclusivo. O autor defende

a ideia de que é preciso haver mudanças no ensino da língua, de maneira que as variedades linguísticas sejam compreendidas e valorizadas em seus usos.

Contudo, na maioria das escolas brasileiras, o ensino das regras gramaticais ainda permanece enraizado e a atenção devida à diversidade linguística ainda permanece frágil. Bortoni-Ricardo (2005, p. 14) afirma que “as diferenças linguísticas socialmente condicionadas não são seriamente levadas em conta. A escola é norteada para ensinar a língua da cultura dominante; tudo o que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado”.

Quanto a isso, Bagno (2007) traz a importância de a família preparar seus membros a respeito da cultura familiar e da cultura da escola, uma vez que todo o aprendizado passará por um processo de formalização, uma espécie de reeducação sociolinguística, que apresentou como:

[...] uma educação nova, de uma reorganização os saberes linguísticos que não tem nada que ver com ‘correção’, nem com substituição de um modo de falar por outro – ao contrário, a reeducação sociolinguística tem que partir daquilo que a pessoa já sabe e sabe bem: falar a sua língua materna com desenvoltura e eficiência. E é uma reeducação sociolinguística porque é através dela que o aprendiz conhecerá os juízos de valor sociais que pesam sobre cada uso da língua (Bagno, 2007, p. 83-84).

Assim, a língua deixa de ser concebida como um sistema de regras invariáveis para ser compreendida como um sistema que contém regras fixas e regras variáveis, comportando os elementos internos e externos à língua, abarcando as pluralidades identitárias e a luta de classes que opera de forma violenta na sociedade.

Nas competências específicas de linguagem e suas tecnologias para o ensino médio do currículo de Pernambuco (p. 68), a competência 2 é:

Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.” (Currículo de Pernambuco, 2021, p. 96).

O foco é preparar o educando para um mundo plural, dialógico e empático, com respeito e justiça social. Por sua vez, a competência 4 trata do enfrentamento do preconceito:

Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza (Currículo de Pernambuco, 2021, p. 96).

No que tange à Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) a proposta é que as diversas manifestações linguísticas e culturais sejam contempladas e que os alunos possam

aprender e desenvolver suas habilidades e comunicação, por meio da convivência e da interação com as especificidades do seu grupo. O documento ainda defende “[...] é importante contemplar o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, de forma a garantir uma ampliação de repertório e uma interação e trato com o diferente” (Brasil, 2018, p. 70).

No ensino fundamental, em relação ao componente língua portuguesa, a proposta de currículo é a de centralidade do ensino da leitura e da escrita, a partir das práticas dos multiletramentos por vários eixos de ensino e por diferentes campos de atuação, em oposição ao ensino de gramática normativa na escola. Ao especificar o trabalho com as variedades linguísticas nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, em especial nos anos iniciais e finais, a BNCC (2018) aborda nas práticas de linguagem da oralidade em turmas do 3º, 4º e 5º ano, a questão da pluralidade linguística, enfatizando que “[...] é relevante no espaço escolar conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico” (Brasil, 2018, p. 70).

Ao estabelecer o uso consciente e reflexivo de regras da norma-padrão em situações de fala e escrita, a BNCC (2018) propõe ao professor orientar o aluno quanto às adequações dos usos linguísticos conforme as situações sociocomunicativas. de acordo com os papéis sociais desempenhados nas situações comunicativas.

Para as turmas do 6º ao 9º ano, esse desenvolvimento deve ocorrer na prática da linguagem em análise linguística/semiótica; e para o Ensino Médio esse estudo cabe a todas as práticas de linguagem como leitura, escuta, produções orais ou escritas e análise linguística/semiótica. Em uma das suas especificações no que corresponde ao componente de Língua Portuguesa no trato com a diversidade linguística, o documento apresenta:

No Ensino Médio, aprofundam-se também a análise e a reflexão sobre a língua, no que diz respeito à contraposição entre uma perspectiva prescritiva única, que segue os moldes da abordagem tradicional da gramática, e a perspectiva de descrição de vários usos da língua. Ainda que continue em jogo a aprendizagem da norma-padrão, em função de situações e gêneros que a requeiram, outras variedades devem ter espaço e devem ser legitimadas. A perspectiva de abordagem do português brasileiro também deve estar presente, assim como a reflexão sobre as razões de sua ainda pouca presença nos materiais didáticos e nas escolas brasileiras (Brasil, 2018, p. 504).

Por fim, a BNCC (2018) traz observações a respeito da adequação das variações linguísticas no que corresponde a norma padrão da língua:

[...] estudos de natureza teórica e metalinguística – sobre a língua, sobre a literatura, sobre a norma padrão e outras variedades da língua – não devem nesse nível de ensino ser tomados como um fim em si mesmo, devendo estar envolvidos em práticas de

reflexão que permitam aos estudantes ampliarem suas capacidades de uso da língua/linguagens (em leitura e em produção) em práticas situadas de linguagem (Brasil, 2018, p. 71).

Com isso, a proposta é que a norma padrão seja trabalhada de forma contextualizada com as diversas práticas de linguagem e que o aluno possa compreender seus usos e possa, concomitantemente, expandir sua forma de comunicação. Ao mesmo tempo, a formação docente desempenha importante papel nessa compreensão e para uma prática crítico-reflexiva.

2.1 FORMAÇÃO DE PROFESSORES

É certo que, cotidianamente, no contexto escolar, os professores se deparam com situações que envolvem a diversidade linguística presente na Língua Portuguesa que não é imutável, mas é um processo que é moldado diariamente e que pode ser lapidado, conscientizado e compreendido. Portanto, faz-se necessário que os docentes desenvolvam saberes e conhecimentos acerca da sua própria prática pedagógica, contribuindo para a melhoria do seu desempenho profissional. Nessa perspectiva, a formação docente continuada proporciona ampliação e aprofundamento de habilidades e competências.

A Resolução CNE/CP Nº 1, de 27 de outubro de 2020, dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica (BNC-Formação Continuada). A BNCC, em consonância com o art. 205 da Constituição Federal e reafirmado pelo art. 2º da LDB, prevê que as aprendizagens essenciais aos alunos são de competência dos professores.

A esse respeito, Bagno (2007) afirma que o professor é responsável pela conscientização do aluno quanto à sua forma de falar e expressar seus posicionamentos, pois todas as formas de comunicação são válidas, mesmo diante do julgamento social.

Sendo assim, as críticas em relação ao ensino como destaque para a valorização excessiva da gramática normativa e como consequência ao preconceito que se instaura devido às diversas formas de oralidade e das variedades que não se enquadram na norma padrão da língua. O PCN de Língua Portuguesa (1998) expõe orientação no trato com a prática da variação linguística na escola:

[...] um esforço de revisão das práticas de ensino da língua, na direção de orientá-las para a ressignificação da noção de erro, para a admissão das variedades linguísticas próprias dos alunos, muitas delas marcadas pelo estigma social, e para a valorização das hipóteses linguísticas elaboradas pelos alunos no processo de reflexão sobre a

linguagem e para o trabalho com textos reais, ao invés de textos especialmente construídos para o aprendizado da escrita (Brasil, 1998, p.18).

Segundo Bortoni-Ricardo (2004) para que o educador possa valorizar o perfil sociolinguístico do aluno, é preciso que seja adotada uma estratégia que esteja voltada para a pedagogia cultural dos saberes do aluno, na busca por aulas que possibilitem uma participação efetiva e inclusiva, permitindo assim que atividades possam reproduzir o mais próximo possível a realidade do aluno e que este possa conquistar uma autonomia linguística em seu meio.

Desse modo, é indispensável que os professores abandonem a ideia de uma única língua e possam exercer práticas pedagógicas que levem o aluno à percepção das variedades linguísticas e pertencimento nesta inclusão, onde entende-se e deve-se entender que a variedade linguística por ser tão plural é carregada de estereótipos e preconceito.

Nesse intuito, Freire (1996, p. 39) afirma que “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”, ressaltando a importância de uma reflexão crítica para uma ação formativa que seja transformadora no ato de ensinar.

Compreende-se que a BNCC (2018) exige dos professores de língua portuguesa uma leitura crítica e reflexiva para que possam melhorar o ensino brasileiro, redimensionando as variações linguísticas em sala de aula, formando estudantes que reflitam sobre a língua em uso.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tendo por objetivo geral analisar a percepção docente acerca do trabalho com as variações linguísticas no processo de formação de professores nos cursos de Letras/Língua Portuguesa, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e exploratória, de abordagem majoritariamente qualitativa, baseada nos pressupostos teórico-metodológicos de Bagno (1999), Freire (2006), Libâneo (2014), entre outros. Segundo Gil (2002), esse tipo de pesquisa objetiva proporcionar maior intimidade com a temática e problemática, podendo ser incluído o levantamento bibliográfico e entrevistas

As pesquisas desse tipo se caracterizam pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente, procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado. Essa abordagem permite obter informações diretamente de um grupo significativo de participantes sobre o tema investigado (Gil, 2002, p. 50).

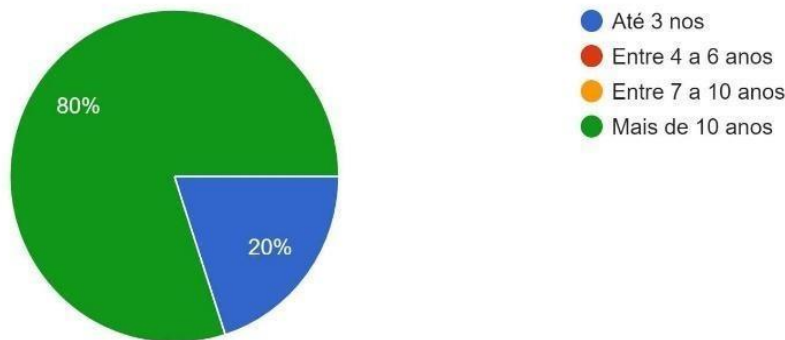
Os dados do estudo foram gerados no período de março a abril de 2024, por meio do instrumento de coleta questionário *on-line*, elaborado no *Google forms*, contendo 5 questões em relação à percepção docente sobre variações linguísticas e preconceito linguístico em sala de aula, bem como acerca de aspectos que envolvam as formações inicial e continuada do docente de língua portuguesa, em relação ao ensino de variedades linguísticas. Em seguida, os dados foram classificados, analisados e os resultados foram sistematizados em um quadro.

As professoras participantes são da rede pública de ensino da cidade de Afrânio, localizada no extremo oeste de Pernambuco, localizada a 789 Km da capital Recife. A cidade conta com escolas públicas da Educação Infantil ao Fundamental I, do Fundamental II, e escolas estaduais de ensino integral e de ensino regular.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A proposta da análise foi pautada na interpretação das respostas de quatro docentes de língua portuguesa de escolas públicas que atuam no ensino fundamental e médio da cidade de Afrânio-PE, cidade localizada no sertão do vale do São Francisco, que gentilmente contribuíram com a pesquisa. Os dados coletados foram analisados a partir da técnica de Bardin (2010) que tem como objetivo analisar o que foi expressado em meio à investigação, construindo e apresentando concepções acerca do estudo.

Das docentes participantes que lecionam língua portuguesa, todas possuem especialização em suas áreas, todavia uma delas é graduada em Licenciatura em Língua Inglesa. Quanto ao tempo de experiência no ensino, as respondentes variam entre 3 e 10 anos de atuação, como pode-se observar na figura 1 abaixo:

Figura 1 – Anos de atuação dos docentes

Fonte: Autoria própria (2024).

Constatou-se que 80% atuam na docência há mais de 10 anos, enquanto 20% atuam há até 3 anos. Tal resultado garante uma visão ampla, por diversos perfis temporais de atuação docente, acerca do tema investigado.

No que corresponde às modalidades de atuação no ensino de língua portuguesa, algumas atuam no Ensino Médio e outras no Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano, conforme explicitado na figura 2.

Figura 2 – Modalidade de atuação

Fonte: Autoria própria (2024).

Durante a pesquisa, a investigação buscou questionar a respeito das concepções dos pesquisados em relação aos seus conceitos de linguagem e de variação linguística. A figura 3, a seguir, é formada por uma nuvem de palavras que expressa os termos e expressões mais citados pelos docentes, considerando as suas definições.

Figura 3 - Quais são as suas concepções de linguagem e de variação linguística?



Fonte autoria própria (2024).

De forma geral, os termos e expressões citados correspondem a perspectivas limitadoras do conceito de linguagem. Observaram-se registros de expressão, focando no reflexo da mente, dois registros do termo “instrumento”, focando na concepção limitadora de linguagem como sistema, não considerando o aspecto interacional da linguagem. Compreendemos a linguagem é como um processo sócio-histórico, dialógico (Marcuschi, 2000; Bakhtin, 1929) essencial para a compreensão do mundo e para a comunicação e atuação na sociedade.

Apenas dois respondentes citaram o termo “interação”. Assim como algumas palavras citadas pelos docentes, Geraldi (2003) considera três concepções para a linguagem, sendo elas a expressão do pensamento, o instrumento de comunicação e a forma de interação considerando que estas são responsáveis por nortear o ensino da língua. A primeira é vista como o reflexo da mente do indivíduo, a segunda apresenta a língua como um meio, um código pronto; e a terceira como uma forma de interação social onde os indivíduos produzem e atuam no sentido dialógico.

Já para Bagno (2004), há duas definições para linguagem: a primeira é a faculdade cognitiva exclusiva da espécie humana que permite a cada indivíduo representar e expressar simbolicamente sua experiência de vida, assim como adquirir, processar, produzir e transmitir conhecimento e a segunda, que é consequência da primeira, que é todo e qualquer sistema de signos empregados pelos seres humanos na produção de sentido, isto é, para expressar sua faculdade de representação da experiência e do conhecimento.

Vale salientar que essas concepções dos docentes respondentes, demonstradas nos termos e expressões que foram expostos, podem caracterizar e embasar as suas práticas de

ensino de língua portuguesa em sala de aula, estabelecendo concepções teóricas, conteúdos, atividades, metodologias e avaliações inerentes. Entende-se pelas palavras apontadas pelos docentes, ao definirem quais são as suas concepções de linguagem e de variação linguística que compreendem bem e sabem da sua importância, como pode-se observar, abaixo, em suas falas:

A docente A direcionou sua resposta para a linguagem como forma de comunicação e variação linguística se referindo à diversidade de termos em âmbito geográfico diferente.



Docente A- *Linguagem é toda forma de comunicação, seja verbalmente, oralmente, gestos, símbolos que utilize a linguagem não verbal, ou utilizando as duas a verbal e não verbal. Em relação à variação linguística é a diversidade na língua em relação a um vocábulo/palavra em diferentes regiões e estado.*

Enquanto isso, a docente B apresentou diferentes âmbitos conceituais de linguagem como expressão do pensamento, como sistema e como interação, conforme Geraldi (2003).



Docente B- *Pode ser expressado a linguagem como expressão do pensamento, linguagem como instrumento de comunicação e linguagem como forma de interação. A variação linguística acontece com a língua e pode ser compreendida por intermédio das variações históricas e regionais.*

No que se refere à linguagem, a docente C cita o seu fator interativo (Bakhtin, 1929). Quanto à variação linguística, nota-se que, muitas vezes, está atrelada diretamente às particularidades do país, resultando em preconceito linguístico, como observa-se na fala da docente C.



Docente C - *A linguagem é de suma importância para interação entre os homens. A variação linguística deve ser respeitada por todos porque é ela que torna o Brasil, esse país tão cheio de singularidades.*

Contemplando a interação, a docente C se refere à sua importância no processo interativo e destaca a existência de singularidades, bem como conclama por respeito às variações que deve fazer parte do processo.



Docente D - *A maneira de expressar o meu pensamento, através das palavras, frases e a estrutura do texto.*

Por sua vez, a docente D limitou-se a focar nos aspectos estruturais da língua e na linguagem apenas como expressão do pensamento.



Docente E – *Importantes.*

Por sua vez, expressando a falta de uma compreensão da definição exata, a docente E apenas afirmou a importância, mas não explicou de que maneira ou em que aspectos.

Bagno (2013) se refere à variação da língua como uma heterogeneidade que é característica da língua humana e que a multiplicidade dessa língua, que existe devido às mais diversas sociedades e culturas, dão origem aos diferentes modos de falar que nada mais é do que a variedade linguística.

Após observarmos as concepções de linguagem e variações linguísticas dos docentes, no que corresponde às formações continuadas e à preparação dos docentes para o trabalho com as variações linguísticas em sala de aula, os professores responderam a questionamentos diversos, no que diz respeito à variação linguística e ao preconceito para o enfrentamento no contexto escolar. Os posicionamentos dos professores foram registrados no quadro a seguir:

Quadro 1 – Síntese de perguntas e respostas sobre formação continuada e variedade linguística.

	Na sua formação inicial (graduação), você teve discussões, reflexões e práticas sobre as variações linguísticas na sala de aula?	Qual é a importância de uma formação docente inicial e continuada para trabalhar com variações linguísticas em sala de aula?	Como os professores devem ser formados para o ensino de variações linguísticas?	Que práticas, estratégias e abordagens os professores podem utilizar para abordar as variações linguísticas em sala de aula?	Que desafios os docentes encontram para trabalhar variações linguísticas na sala de aula?
R E S P O S T A S D O	R1: Sim. Durante o estágio elaborei uma oficina sobre isso.	R1: Essencial. Infelizmente o preconceito linguístico é grande.	R1: Sabendo que a língua é heterogênea e que a norma culta não é o centro de tudo.	R1: Debates, rodas de conversas, pesquisas.	R1: Infelizmente até muitos professores enfatizam a norma culta como prioridade e a o correta.
	R2: Sim. Existem várias linguagens.	R2: A formação continuada contribui de forma significativa para o desenvolvimento do conhecimento profissional do professor, facilitando as capacidades	R2: Analisando como ele concebe seu próprio papel na conscientização de seus alunos, a respeito do que vem a ser variedade padrão e não-padrão, e se ele	R2: Promover atividades que valorizem as diferentes formas de linguagem presentes entre os alunos, como a realização de debates sobre a	R2: Um dos principais desafios é lidar com a diferença entre a variedade linguística utilizada pelos alunos e a norma culta da língua, que muitas vezes é valorizada e

S D O C E N T E S		reflexivas sobre a própria prática docente elevando-a a uma consciência coletiva.	mesmo tem essa consciência.	importância da diversidade linguística.	exigida em contextos formais. Outro desafio é evitar a estigmatização das variações linguísticas presentes na sala de aula.
	R3: Sim. Trabalhos que deram oportunidade a conhecer a variação linguística na sala de aula, levando para a prática em sua de sala de aula, conhecendo o dia a dia dos discentes.	R3: Considero importante porque é uma forma de discutir, debater e refletir os falares do nosso lugar, estado e país.	R3: No sentido de ter uma visão holística acerca do tema e capazes de emitir opinião sem fazer julgamentos negativos.	R3: Algumas práticas como: debates, seminários, diálogos, mesa redonda, web conferência, entrevistas com especialistas (professores, mestrandos, doutorandos, antropólogos, historiadores)	R3: Acredito que não tenha desafios. Uma vez que o Brasil é um país mestiço.
	R4: Sim. Na graduação foi possível estudar as variações linguísticas.	R4: Atualiza o professor.	R4: Predominante da leitura e a interpretação.	R4: Leitura e interpretação	R4: Diversos.

Fonte: Autoria própria (2024).

A síntese dos resultados retrata professores conscientes, embora revele lacunas e equívocos de alguns docentes. A seguir, detalharemos os resultados, ancorados pela teoria. Em relação à primeira questão, **Na sua formação inicial (graduação), você teve discussões, reflexões e práticas sobre as variações linguísticas na sala de aula?**, **R1** respondeu: “Sim. Durante o estágio elaborei uma oficina sobre isso”. **R2** afirmou: “Sim”, confirmando que existem várias linguagens, mas não falou como foi trabalhado. **R3**: disse: “Sim. Trabalhos que deram oportunidade a conhecer a variação linguística na sala de aula, levando para a prática em sua de sala de aula, conhecendo o dia a dia dos discentes”. **R4**: respondeu: “Sim. Na graduação foi possível estudar as variações linguísticas”.

Diante das respostas, foi possível observar que todos os respondentes afirmaram que tiveram discussões, reflexões e práticas sobre as variações linguísticas na sala de aula, durante a sua formação inicial. Uma respondente, inclusive, já atuou, apresentando uma oficina sobre o tema em sala de aula.

Contudo, os participantes deram respostas de forma bem genérica, não tendo como saber como foi esse trabalho em termos de planejamento e execução. Dado o exposto, fica claro que, no

momento da graduação, os professores passam por aulas que tratam da importância da valorização da variedade linguística, porém a preocupação está em perceber se este cuidado está para além dos muros das universidades e se os futuros licenciados aprendem além da teoria e colocam o aprendizado em prática.

Bortoni-Ricardo (2024, s.p) ressalta:

Estamos conscientes, entretanto, de que esse tipo de conhecimento não tem sido socializado entre os professores de LP (Língua Portuguesa) que atuam na educação básica e em muitos casos até entre aqueles que trabalham na formação dos professores. Também concordamos, que não é o simples fato de ter sido incluída nos PCN que a variação linguística estará ao alcance dos professores do ensino fundamental.

Constatar as lacunas referentes às variações linguísticas pela autora supracitada, confirma a necessidade de um trabalho mais contundente sobre o tema nas formações inicial e, posteriormente, continuada.

No que diz respeito ao segundo questionamento, **Qual é a importância de uma formação docente inicial e continuada para trabalhar com variações linguísticas em sala de aula?**, **R1** afirmou ser: “Essencial. Infelizmente o preconceito linguístico é grande”. Essa professora respondente reconhece que é importante ter uma formação inicial e uma formação continuada para trabalhar com as variações linguísticas e justifica dizendo que o preconceito linguístico é grande. **R2** expressa que: “A formação continuada contribui de forma significativa para o desenvolvimento do conhecimento profissional do professor, facilitando as capacidades reflexivas sobre a própria prática docente elevando-a a uma consciência coletiva”. A referida professora está de acordo com o que pensa Freire sobre o professor crítico e reflexivo (Freire, 2006). **R3** respondeu: “Considero importante porque é uma forma de discutir, debater e refletir os falares do nosso lugar, estado e país”. Esse professor focou mais nas questões práticas da língua o falar, o lugar e o país.

De maneira menos crítica e explicativa, **R4** expôs: “Atualiza o professor”. A docente em questão focou na formação continuada para atualizar o professor, estando de acordo com o que prega Tardif (2002) quando fala que a formação docente é processo contínuo de desenvolvimento profissional, construção e reconstrução de saberes, práticas e identidades, em diálogo com demandas da sociedade e necessidades dos estudantes (Tardif, 2002).

A questão 3, **Como os professores devem ser formados para o ensino de variações linguísticas?** Foi respondida assim pelo **R1**: “Sabendo que a língua é heterogênea e que a norma culta não é o centro de tudo”. Essa professora tem consciência da heterogeneidade da língua, que uma não é mais importante do que a outra, ele tem a concepção de linguagem como processo. É importante que esse professor, além de conscientizar o aluno, ele também tenha essa

consciência sobre a variação linguística, estando de acordo com Bagno. Sua visão se alinha com a perspectiva de heterogeneidade da língua (Bagno, 1999).

A seu turno, **R2** indica que é: “Analisando como ele concebe seu próprio papel na conscientização de seus alunos, a respeito do que vem a ser variedade padrão e não-padrão, e se ele mesmo tem essa consciência”. A visão da respondente foi reflexiva, demonstrando a compreensão de que os professores devem ser formados se autoavaliando, refletindo sobre a suas práticas linguísticas (Freire, 2006; Libâneo, 2013).

R3 apresenta uma crítica ao afirmar que é: “No sentido de ter uma visão holística acerca do tema e capazes de emitir opinião sem fazer julgamentos negativos”. Essa resposta também está de acordo com a perspectiva de preconceito linguístico que a elite oprime as classes mais baixas, exercendo poder pela língua (Bagno, 1999).

Por sua vez, **R4** respondeu: “Predominante da leitura e a interpretação”, focando no método e na prática que devem ser utilizadas nas formações, pois se o professor lê e interpreta, ele desenvolve senso crítico, refletindo sobre as variações linguísticas.

O quarto questionamento foi: **Que práticas, estratégias e abordagens os professores podem utilizar para abordar as variações linguísticas em sala de aula?** **R1** listou: “Debates, rodas de conversas, pesquisas”. Na mesma direção, **R2** afirmou: “Promover atividades que valorizem as diferentes formas de linguagem presentes entre os alunos, como a realização de debates sobre a importância da diversidade linguística”. Da mesma forma, **R3** citou: “Algumas práticas como: debates, seminários, diálogos, mesa redonda, web conferência, entrevistas com especialistas (professores, mestrandos, doutorandos, antropólogos, historiadores)”. Percebemos que as respondentes acima citaram práticas de metodologias ativas de aprendizagem que partem de problemas e situações reais que os alunos vivenciarão na vida profissional, de forma antecipada durante o curso. As práticas citadas colocam o estudante no centro do processo de aprendizagem, como protagonistas do próprio aprendizado (Moran, 2000).

Por sua vez, **R4** respondeu: “Leitura e interpretação”, reafirmando o papel da leitura e interpretação no desenvolvimento crítico, como na pergunta anterior.

Na quinta questão, **Que desafios os docentes encontram para trabalhar variações linguísticas na sala de aula?** **R1**: “Infelizmente até muitos professores enfatizam a norma culta como prioridade e a o correta”. A respondente reconhece que os próprios professores que deveriam trabalhar para combater o preconceito linguístico, muitas vezes, promovem o preconceito linguístico. Bagno (2006) compreende o preconceito linguístico como um julgamento sobre as particularidades do outro.

R2 afirmou que: “Um dos principais desafios é lidar com a diferença entre a variedade linguística utilizada pelos alunos e a norma culta da língua, que muitas vezes é valorizada e exigida em contextos formais. Outro desafio é evitar a estigmatização das variações linguísticas presentes na sala de aula”. Essa resposta revela a preocupação com as contradições entre o reconhecimento e a valorização das variações linguísticas e a constante exigência do uso da norma culta em testes e exames de larga escala no Brasil. Ainda, confirma a existência de preconceito em sala de aula como um grande desafio.

Embora, nas primeiras questões eles tenham dito que foram preparados para trabalhar com variações linguísticas, foi possível perceber que no cotidiano da sala de aula ocorrem desafios que revelam as dificuldades de trabalhar com variações linguísticas, expondo as lacunas na formação desses docentes acerca do tema. Bortoni-Ricardo (2024) chamou a atenção para o fato de que conhecimentos sobre variações linguísticas e preconceito linguístico não têm sido socializados na formação de professores de língua portuguesa.

Nesse sentido, fazem-se necessárias formações inicial e continuada que promovam reflexão crítica sobre a prática docente, para uma educação realmente transformadora e libertadora (Freire, 1996).

Por outro lado, **R3** fez a seguinte afirmação: “Acredito que não tenha desafios. Uma vez que o Brasil é um país mestiço”. Essa visão parece desconectada da realidade da sala de aula e é considerada equivocada, pois está relacionada ao mito da igualdade racial no Brasil, uma vez que a história brasileira se confunde com o próprio racismo, com tentativas de mascaramento das lutas raciais decorrentes da colonização europeia no país, como na “democracia racial”, entendida como uma suposta igualdade entre brancos, negros e multados no Brasil (Andrews, 1997).

Segundo Ribeiro (2018), a democracia racial foi uma forma de negar a existência do racismo, sendo necessário romper com ela e seus reflexos. O pensamento decolonial busca a emancipação de todos os tipos de dominação e opressão oriundos de imposições coloniais.

De forma direta, **R4** respondeu: “Diversos”, sem explicar quais seriam esses desafios, mas deixando claro que são muitos.

Em geral, nota-se que os docentes apontam estratégias de ensino que são válidas no processo de ensino e aprendizagem, e a priori em relação ao estudo e à conscientização da variedade da língua. Todavia, o levantamento dos dados não foi suficiente para identificar como essas atividades vêm sendo aplicadas, para que assim possa-se reconhecer o propósito dessas práticas e analisar se a realidade linguística dos praticantes vem sendo favorecida.

Os PCN (1998) retomam a ideia de que a variedade da língua, ocorre em todos os níveis de ensino e que esta por sua vez existe e continuará existindo independente de determinadas ações

normativas. Sendo assim, entende-se que as formações continuadas e a valorização da variedade da língua é de suma importância, uma vez que a diversidade linguística não acontece como um fenômeno aleatório, mas acontecem como fatores discriminatórios e excludentes. É papel das instituições oficiais e acadêmicas de formação de professores destacar nas formações iniciais e continuadas reflexões sobre possíveis ações docentes que viabilizem a materialização e a operacionalização das competências e habilidades da BNCC que contemplem as variações linguísticas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa objetivou analisar a percepção docente acerca do trabalho com as variações linguísticas no processo de formação de professores nos cursos de Letras/Língua Portuguesa em Pernambuco. A formação docente crítica e reflexiva sobre conhecimentos e sua própria prática é de extrema relevância para os conhecimentos teórico-práticos. Porém, é preciso que o conhecimento e as estratégias de ensino-aprendizagem estejam alinhados, com vistas à valorização das variações linguísticas em sala de aula, diante da necessidade tanto do professor ressignificar sua prática quanto do aluno aprender e reconhecer que sua identidade linguística, escrita ou falada, deve se adequar a cada contexto e situação comunicativa.

Nota-se que os docentes apontam estratégias de ensino válidas no processo de ensino-aprendizagem, como as metodologias ativas e em relação ao estudo e à conscientização das variedades da língua. Todavia, o levantamento dos dados não foi suficiente para a identificação de como essas atividades vêm sendo aplicadas para que possamos reconhecer o propósito dessas práticas e analisar se a realidade linguística dos praticantes vem sendo favorecida.

Depreende-se, por meio deste estudo, que é importante ouvir o outro, especialmente os professores que lidam com as adversidades do ambiente escolar todos os dias e com as mais diversas peculiaridades de seus alunos. Após a análise deste estudo, espera-se que os docentes busquem diversas situações comunicativas que possam envolver seus alunos, em consequência a valorização de suas características linguísticas, associadas à conscientização da língua culta tão exigidas na sociedade. Que eles possam reconhecer a importância de serem peças-chave no combate aos estigmas e ao preconceito linguístico tão presentes nas escolas.

Diante dos resultados, pode-se perceber que, mesmo com a abordagem sobre variedades linguísticas nas graduações, faz-se necessário que o trabalho com as variações nas formações docentes seja sistemático, reflexivo e contínuo. Uma das preocupações dos docentes em relação aos seus alunos ainda permanece o fato de torná-los usuários mais “competentes” da língua. Contudo, o fato de que embora falem de diversidade, ainda prevalece na prática uma concepção de língua estática, descontextualizada, sem intenção, sem considerar um interlocutor vivo, que interage e atua no mundo em constante processo de transformação.

Além disso, enfatiza-se que a socialização do conhecimento entre os professores de Língua Portuguesa em formações e no próprio ambiente de ensino é primordial para que o processo sistemático crítico, reflexivo e consciente sobre os efeitos que a variação linguística tem sobre seus usos dentro e fora da sala de aula, como também o conhecimento da língua formal fazem parte de um desenvolvimento contínuo, diante da enorme diversidade humana.

REFERÊNCIAS

- ANDREWS, G.R. **Democracia racial brasileira 1900-1990**: um contraponto americano. Estudos Avançados 11 (30), 1997.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico** — o que e, como se faz, 49. ed. Ed. Loyola, 1999.
- _____. **Marcos Bagno**: Preconceito Linguístico no Brasil. 9ª Bienal da União Nacional dos Estudantes, 2015. Disponível em: <https://www.une.org.br/2014/11/marcos-bagno-a-linguacomo-instrumento-de-poder/>. Acesso em 03 abr. 2024
- _____. **Não é errado falar assim** – em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2009. 315p.
- _____. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- _____. **Linguagem**. In: Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para alfabetizadores. Belo Horizonte: UFMG/Ceale, 2004, s/p. Disponível em: [https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/linguagem#:~:text=Autor%3A%20Marcos%20Bagno%2C&text=A%20primeira%20%C3%A9%3A%20faculdade%20cognitiva,pro cessar%2C%20produzir%20e%20transmitir%20conhecimento](https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/linguagem#:~:text=Autor%3A%20Marcos%20Bagno%2C&text=A%20primeira%20%C3%A9%3A%20faculdade%20cognitiva,pro cessar%2C%20produzir%20e%20transmitir%20conhecimento.). Acesso em 28 abr. 2024
- _____. **Variedade linguística**. In: Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para alfabetizadores. Belo Horizonte: UFMG/Ceale, 2013, s/p <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/variacao-linguistica>. Acesso em 28 abr. 2024.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?:** sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004

_____. **Contribuições da sociolinguística educacional para o ensino e aprendizagem da linguagem.** 2024. Disponível em:

http://www.stellabortoni.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=707:iootaibuc%C3%95is_ia_soiolioguistia_iuiaiooal_paaa_o_paoisso_iosioo_i_apaiioizagim_ia_lioguagim&catid=1:post-artigos&Itemid=61. Acesso em 29 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília – DF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf> Acesso em 01 abr. 2024.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular:** Educação é a base. Brasília: MEC/Secretária da Educação Básica, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 01 abr. 2024.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular:** Educação é a base. Brasília: MEC/Secretária da Educação Básica, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em 03 abr. 2024.

_____. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CP N° 1,** de 27 de outubro de 2020. Brasília, DF. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=164841rcp001-20&category_slug=outubro-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 06 abr. 2024. _____, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

GERALDI, W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: _____. **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, [1984] 2003. p. 39 – 46

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª ed. São Paulo: Atlas.

ILARI, Rodolfo.; BASSO, Renato. **O português da gente a língua que estudamos a língua que falamos** editora contexto. 2006.

MINUZZI, Crislina. **Estudo sobre língua e linguagem**: considerações. 2012. 05p. Trabalho de Conclusão de Pós-graduação lato sensu em Arte e Educação – FAG – Faculdade Assis Gurgacz. Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/marco2012/portugues_artigos/linguagem.pdf . Acesso em 03 abr. 2024.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. 5. ed. Campinas: Papirus, 2014.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TORRES, F. F; SILVA, I.L.L. Contribuições da Sociolinguística para o Ensino de Língua Portuguesa. Entre Normas, Variação e Ensino. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza (CE), 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/2944>. Acesso em: 01 abr. 2024.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.